

ENTRE ARISTARCO E MONTAIGNE

Sobre os muitos ângulos de visão que podem utilizar-se para analisar a obra de Eduardo Lourenço (Europa e História, Cultura Portuguesa, Literatura e Crítica Literária, Teoria Política) já aqui falaram numerosos especialistas nacionais e estrangeiros, com a competência própria de cada um.

É agora a vez de alguns convidados apresentarem os seus testemunhos pessoais.

Pela minha parte, começo por dizer que não sei separar o autor da sua obra vasta, caleidoscópica, mas sempre profunda. É certo que somos amigos de longa data, desde aquela já longínqua década de 40, em que nos encontramos pela primeira vez na nossa alma mater conimbricense, ele, como aluno de Ciências Histórico-Filosóficas, eu, na secção de Filologia Clássica, mas com disciplinas comuns aos dois cursos, embora distribuídas por anos diferentes. E colegas continuamos a ser, quando assistentes na mesma Faculdade. Mas não por muito tempo: apenas os dois anos que decorreram entre o meu regresso da primeira estadia em Oxford, em 1951, e a partida dele, dois anos depois, como bolseiro com destino a Paris, de onde seguiu para ocupar o cargo de leitor em Universidades alemãs, francesas, brasileiras, suíças, até, como professor, se fixar em Nice ad multos annos e, após a jubilação, em 1989, permanecer na sua morada de Vence.

Estrangeirado, portanto (embora na mais recente das suas múltiplas e sempre reveladoras entrevistas renegue esta designação, em favor da de expatriado)? Pessoalmente, aquele outro epíteto não me desagrade, devo dizê-lo, desde que o tomemos no sentido de “permeado de saberes e ideais diferentes”, de “ enriquecido pelos horizontes que a permanência em outros meios propicia”. Foi assim que, na Ciência, tivemos Garcia de Orta e que o pré-romantismo (com este ou outro nome) entrou mais cedo pela pena da Marquesa de Alorna e o romantismo pela de Garrett e a de Herculano – para já não falarmos dos teorizadores setecentistas, como Verney e Ribeiro Sanches.

Deste modo que vínhamos dizendo, o contacto com o nosso homenageado prosseguiu, sobretudo, através da sua obra, dele inseparável. Ele mesmo afirmou há pouco, noutra entrevista, com a simplicidade que caracteriza as

suas auto-análises: “Se há alguma coisa que posso dizer de mim é que eu nasci nos livros e nunca saí dos livros”.

E que maravilhoso, enriquecedor, frutuoso contacto é o que irradia das suas numerosas obras! Estudioso de muitos autores, sobretudo contemporâneos, como Miguel Torga, José Régio, Eugénio de Andrade, Vitorino Nemésio, Jorge de Sena (para só nomear os que já não estão entre nós), é em Fernando Pessoa que maioritariamente fixa o seu olhar penetrante. Três livros inteiros (Pessoa Revisitado, Fernando Rei da nossa Baviera, O Lugar do Anjo) e parte de um outro lhe são consagrados. É precisamente neste último, Poesia e Metafísica (1983), que se lê esta frase, onde reluz a sua característica auto-ironia: “Deus e os meus poucos leitores conhecem a minha osmótica paixão pela poesia de Pessoa”.

Dos muitos aspectos considerados nesse volume, que tanto incluem a avaliação da sua fortuna crítica como a aguda percepção do que designa, muito apropriadamente, por “comédia trágica da heteronímia”, como ainda o estudo do “labirinto permeável graças ao fio de Ariana fornecido em suplemento pelo seu criador” (palavras suas, também) que é o Livro do Desassossego, gostaria de salientar que foi graças a Pessoa Revisitado que entrevi, pela primeira vez, o verdadeiro sentido da Ode de Ricardo Reis que principia “De novo traz as aparentes novas”, como aquela em que o poeta “se atreve a sonhar-se o igual de Homero”, tal como foi em Poesia e Metafísica que compreendi o significado da ausência de Camões na galeria de figuras de Mensagem.

Tem isto que ver, como todos sabem, com a miragem pessoana de um super-Camões. Mas aqui interessa-nos assinalar, sobretudo, o sentido do sub-título deste mesmo livro – Camões, Antero, Pessoa – que constitui, desde logo, uma espécie de tríptico da grande poesia portuguesa, restituindo assim, ao “Génio que foi um Santo” o lugar cimeiro que também lhe cabe como escritor da “prosa de ideias” e poeta dos Sonetos, e classificando-o, numa das suas brilhantes metáforas, como “o anel de ouro que ligou Portugal ao mundo do pensamento”.

De Camões tem sobretudo a preocupação de pôr em relevo o papel cultural – ou intercultural, como está na moda dizer-se – de Os Lusíadas. De entre as muitas páginas que lhes consagrou, gostaria, porém, de salientar aquela

afirmação que figura em Nós e a Europa ou as Duas Razões, segundo a qual eles são “um poema que mudou a relação entre Ocidente e o Oriente, a primeira epopeia europeia”.

Com a referência a estoutra obra – aquela que lhe mereceu, em 1988, o Prémio Europeu de Ensaio – passamos, quase insensivelmente, a uma das preocupações dominantes do nosso pensador, qual é a do oscilante relacionamento havido com os países do continente a que geograficamente pertencemos.

É ainda neste mesmo volume que figura o ensaio “A Europa em crise e a crise da Universidade”, em que o infelizmente sempre actual tema é visto numa brilhante síntese histórica que vem desde as origens medievais desta instituição até ao presente, sem esquecer a perturbadora situação em que se encontra “o saber pelo saber” e, em particular, a das “tão curiosamente chamadas ciências humanas” (são palavras suas).

Neste contexto, permitimo-nos surpreender a razão pela qual Eduardo Lourenço rejeitou, em 1974, os convites que lhe foram sucessivamente endereçados pelas três Faculdades de Letras do País para que nelas viesse ensinar, e, no ano seguinte, o de um militar que era Ministro da Educação para sobraçar a pasta da Cultura. E também por que motivo só muito mais tarde, em 1998, aceitou uma vez dirigir um seminário, como professor convidado, na Universidade Nova de Lisboa.

Entretanto, a sua carreira de ensaísta emérito tinha sido coroada de prémios, nacionais e estrangeiros, e os claustros universitários abriam-lhe as suas portas, doutorando-o honoris causa, desde a Federal do Rio de Janeiro (1993) à de Bolonha, onde ainda não passou um ano que ele foi inaugurar a cátedra de Português que ostenta o seu nome. E, neste cursus honorum, não pode omitir-se que também a Universidade de Coimbra o acolheu de novo, em 1996, como um dos seus, concedendo-lhe a láurea doutoral.

Ao chegar a este ponto, tenho de reconhecer que não escapei à tentação de falar “do meu quintal”. Outros falaram dos seus. Todos, porém, nos sentimos no agradável papel de acrescentar mais algumas palavras, ainda que descoloridas, à homenagem àquele que, ao longo de toda a sua vida, tanto tem prestigiado a cultura portuguesa. Ao pensar no conjunto da sua obra, devemos reconhecer que ela se coloca sob a égide de duas grandes figuras

do passado, emblemáticas da sua actividade intelectual: a do mais antigo paradigma da crítica literária, Aristarco, e a do criador do ensaio, Montaigne. A este propósito, recordemos também que Montaigne ou la vie écrite é, premonitória e simbolicamente, o título de um dos seus mais belos estudos.

Maria Helena da Rocha Pereira